



Prémio Aga Khan para a Arquitetura

Relatório do Grande Júri

Ciclo 2022 do Prémio Aga Khan para a Arquitetura

Este é o primeiro ciclo do Prémio a coincidir com uma pandemia global, que veio agravar os desafios sociais, económicos e ambientais já existentes na atualidade. Na qualidade do Grande Júri do Prémio Aga Khan para a Arquitetura de 2022, quisemos que a nossa mensagem coletiva refletisse os tempos extraordinários em que vivemos (desde a Covid e as alterações climáticas à polarização social, pobreza, desigualdade e conflitos).

Neste sentido, procurámos identificar práticas exemplares e transformadoras que abordassem estes desafios particulares, porém com plena consciência do facto de termos sido incumbidos de selecionar projetos *arquitetónicos* e não programas humanitários *per se*. Debates a complicada relação dialógica entre os dois, afirmando que o “arquitetónico” e o “humanitário” não têm de ser mutuamente exclusivos, mas, pelo contrário, estão intimamente ligados.

Nas instruções dadas pelo Comité Diretivo ao Grande Júri, a definição de “excelência em arquitetura” consistia em “reimaginar a realidade”, ou mais precisamente, “reimaginar processos e capacitar novos constituintes”. Levamos essa recomendação a sério e encaramo-la como o ponto essencial que torna o Prémio Aga Khan para a Arquitetura diferente e único, com o seu foco na diferença que a arquitetura faz na vida das pessoas e das comunidades locais, especialmente de mulheres e crianças enquanto utilizadores e criadores. Talvez em parte devido à natureza destes tempos inauditos em que vivemos, nós trabalhámos com uma renovada valorização da fisicalidade de espaços reais que aproximam as pessoas – espaços abertos, livres, públicos capazes de regenerar e restaurar um sentimento de dignidade. Procurámos a qualidade, não só do espaço arquitetónico, mas também da qualidade de vida e das relações sociais promovidas pela arquitetura – a generosidade e a beleza que a arquitetura pode lutar por tornar mais acessível.

Valorizámos particularmente o impacto e a transferibilidade de um projeto – se este incorpora um potencial para funcionar como um modelo ou um estímulo para iniciativas semelhantes noutros lugares... um efeito cascata para lá das suas próprias circunstâncias específicas. Todos nós sentimos



intensamente “a forma de propagar uma boa ideia” como sendo uma questão fundamental para os nossos tempos.

As nossas escolhas refletem um conjunto muito rico e estimulante de discussões e debates que se uniram em torno de três constelações de temas que captam as questões que todos nós sentimos serem importantes para a nossa mensagem geral e que representam as potencialidades transformadoras capazes de nos fazer repensar a essência da nossa disciplina e profissão.

Em primeiro lugar, valorizamos a diversidade em todos os sentidos da palavra: diversidade de escalas, tipologias, geografias e culturas. Os 20 projetos finalistas, assim como os seis selecionados, refletem precisamente isso, uma vasta geografia do Senegal à Indonésia; atravessando um espectro tipológico do aeroporto e da escola ao museu/centro de artes; e uma variedade de escalas que reflete o esbatimento de fronteiras entre arquitetura, paisagem e infraestrutura. Também gostaríamos de salientar que, embora não figurem nos seis projetos finais, os projetos habitacionais incluídos na lista de finalistas que fizeram experiências com diferentes formas de densificação urbana permitiram-nos discutir a importância da inovação tipológica que desafia os paradigmas urbanos existentes.

Esta visão expansiva da disciplina também se reflete no valor que demos ao uso racional dos recursos: na forma como o projeto responde à questão do clima ou parte desta para abordar preocupações ambientais mais abrangentes de sustentabilidade, ecologia e eficiência energética, para não mencionar os valores experienciais da arquitetura quando em harmonia com a natureza e a paisagem local.

Em segundo lugar, o envolvimento da comunidade foi um ponto fundamental nas nossas escolhas (e na missão do Prémio Aga Khan para a Arquitetura no geral). Valorizamos profundamente a participação – não como um lugar-comum usado em excesso mas como algo verdadeiramente praticado, demonstrado e atingido na prática; como a arquitetura promove a participação, não apenas na sua criação, mas posteriormente na sua utilização.



Sentimo-nos particularmente cativados pelas práticas que desafiam as definições tradicionais da disciplina e do papel autoral do arquiteto, no sentido daquilo que se costuma teorizar como “agência espacial” – ou seja, arquitetos a atuarem como agentes e promotores e como designers, identificando necessidades, angariando fundos, formando ONG, mobilizando a população local e até desaparecendo no fim, deixando a população assumir o controlo. No entanto, estávamos também bastante conscientes das assimetrias e desequilíbrios ao nível da relativa facilidade com que os arquitetos europeus/ocidentais encontram oportunidades para fazer este trabalho de proximidade no Sul Global, enquanto na direção oposta o mesmo não se aplica. Afinal, as implicações políticas mais alargadas das iniciativas arquitetónicas são pontos inevitáveis de discórdia no contexto pós-colonial do Sul Global.

No contexto de um mundo tão conflituoso, surgiram muitas discussões e debates interessantíssimos à volta do tema da capacidade de regeneração da arquitetura através de espaços terapêuticos para populações traumatizadas.

Em terceiro lugar, e de forma igualmente significativa, focámo-nos e discutimos a importância de uma arquitetura que não se limite a dar resposta às necessidades já existentes, mas que permita mudanças – a vida futura do projeto é tão importante quanto o seu início e construção. Isto leva-nos a uma categoria fulcral para o Prémio Aga Khan para a Arquitetura, nomeadamente os projetos de conservação e reutilização adaptativa – um género que consideramos ter um grande valor e um potencial vital, num mundo onde existem demasiadas demolições e novas construções.

O nosso interesse particular pela preservação do património moderno talvez tenha estado mais acentuado neste ciclo – muitas vezes subestimado, negligenciado, criticado e facilmente demolido por todo o mundo muçulmano, destruindo edifícios impressionantes que são, na verdade, de extrema importância no sentido de desafiar a perceção do moderno como estrangeiro e imposto, de “descentrar o modernismo” enquanto uma propriedade em todo o mundo, e de reconhecer o significado destas estruturas na história de muitos países muçulmanos. A lista de finalistas inclui vários exemplos importantes e provocadores que realçam a memória coletiva contra a supressão da história recente.



Levando em conta estas questões orientadoras, e as discussões imensamente estimulantes e provocadoras, o Grande Júri lançou-se na difícilíssima tarefa de, entre os 20 projetos finalistas, escolher os seis vencedores finais, os quais são abordados com mais pormenor nas suas respetivas menções.

Como conclusão, o Grande Júri gostaria de expressar a sua gratidão, em primeiro lugar e acima de tudo, ao processo excecionalmente rigoroso e à excecional organização do Prémio Aga Khan para a Arquitetura, desde as nomeações às escolhas finais de cada ciclo. Para nós, todos provenientes de diferentes disciplinas e com diferentes formações (arquitetos em atividade, académicos, artistas, especialistas em preservação), foi um processo de aprendizagem surpreendentemente enriquecedor, termo-nos conhecido ao longo de duas semanas de trabalho intenso, em Genebra e mais tarde em Lisboa, escutando argumentos ponderados, sofisticados e provocadores, debatendo-os, por vezes convencendo-nos uns aos outros, outras vezes aceitando as divergências, mas também divertindo-nos imenso. É uma experiência que iremos guardar para o resto das nossas vidas.

Por último, mas não menos importante, gostaríamos de expressar o nosso profundo apreço e gratidão ao incrível grupo de revisores no terreno, cujos relatórios e observações cuidadosos e bem pesquisados trouxeram novas perspetivas e novos ângulos de interpretação, por vezes confirmando as nossas convicções, mas a maioria das vezes levando-nos a repensar e reformular. O trabalho deles, em conjunto com o trabalho das equipas de filmagem e de muitas outras pessoas, deu vida a estes projetos e facilitou a nossa tarefa. Deram-nos um apreço renovado por aquilo que torna o Prémio Aga Khan para a Arquitetura diferente – isto é, o rigor e a minúcia do processo, muito superior e muito mais rico do que a típica atribuição de prémios a produtos arquitetónicos.

Os vencedores do Prémio Aga Khan para a Arquitetura de 2022 são:

Aeroporto Internacional de Banyuwangi , Blimbingsari, Java Oriental, Indonésia

Escola Secundária de Kamanar, Thionck Essyl, Senegal

Espaços Comunitários nos Centros de Refugiados Rohingya, Cox's Bazar, Bangladesh, Bangladesh

Museu de Arte Contemporânea e Centro Cultural Argo, Teerão, Irão

Renovação da Hospedaria Niemeyer, Trípoli, Líbano



Espaços Fluviais Urbanos, Jhenaidah, Bangladesh

Amale Andraos e Sibel Bozdoğan (copresidentes), Nada Al Hassan, Kazi Khaleed Ashraf, Kader Attia, Lina Ghotmeh, Francis Kéré, Anne Lacaton, Nader Tehrani



Aeroporto Internacional de Banyuwangi

Blimbingsari, Java Oriental, Indonésia

Ao contrário da maioria dos edifícios genéricos dos aeroportos, que são muitas vezes espaços hermeticamente fechados separados da sua envolvente, o Aeroporto Internacional de Banyuwangi apresenta-se como uma elegante tese contrária a essa tendência. Entrelaçado na cultura, na ecologia e na paisagem da região, o Aeroporto de Banyuwangi - para além de incluir espaços extremamente eficientes e agradáveis e converter o familiar e o prático numa nova sensibilidade arquitetónica - pode afirmar-se como sendo um novo paradigma no design de aeroportos.

Surgindo de um mar de arrozais, o edifício prolonga a linguagem da paisagem, formando um evento concentrado que combina arquitetura, funcionalidade e ambiente numa disposição homogénea mas discernível.

O Aeroporto de Banyuwangi, moderno e eficiente em todos os aspetos, mas enquadrado no seu contexto, pode revelar-se revolucionário ao nível da arquitetura aeroportuária, especialmente tendo em conta que o governo indonésio deverá construir cerca de 300 aeroportos num futuro próximo. O perfil do novo aeroporto é criado por um edifício baixo e horizontal dividido em dois segmentos, assinalando as chegadas e as partidas, mas apresenta igualmente uma cobertura impressionante com um relvado verde elevado que se inspira na arquitetura local e convida a paisagem dos arrozais circundantes a entrar no próprio edifício do aeroporto. Os aspetos pragmáticos de movimento, circulação e espera num aeroporto estão coreografados num conjunto de espaços incrivelmente reconfortantes. Uma paleta de materiais baseada em madeira, água e plantas amplia a qualidade humana dos volumes interiores.

O edifício totalmente perfurado permite a circulação do ar, a massa isolante do telhado verde e o reencaminhamento e reciclagem da água tanto do exterior como do interior do edifício produziram um exemplo extraordinário de como o design passivo em arquitetura pode ser demonstrado de modo sensorial e experimental.



O que também é admirável é a série de decisões tomadas pelo cliente e pelo arquiteto que evidenciam um compromisso coletivo para com a construção de edifícios públicos ou infraestruturais que estejam em sintonia com os valores humanos e ecológicos.



Escola Secundária de Kamanar

Thionck Essyl, Senegal

A Escola Secundária de Kamanar, um polo escolar repleto de infraestruturas, edifícios, paisagens e acessórios, é única no sentido em que aborda as múltiplas escalas do urbanismo, paisagismo, arquitetura e tecnologias de construção com o mesmo compromisso e virtuosismo.

A topografia e a flora do local foram as principais condicionantes encontradas neste projeto, levando à introdução de uma grelha de módulos de salas de aulas organizadas à volta das copas de árvores pré-existentes, adotando as suas sombras como espaços sociais para alunos e professores. O declive da paisagem está estruturado à volta destes módulos na forma de pátios, talhados e preenchidos para uma descida suave da colina, com as periferias compostas por canais de irrigação. A grelha é interpretada como um sistema flexível, escalonável em pátios, quadras e campos desportivos, demonstrando a maleabilidade do sistema organizacional em incorporar diferenças programáticas, materiais e ecológicas.

As próprias salas de aulas são formadas por uma abóbada de catenária simples; a argila escavada no local é moldada em blocos e agregada para formar uma figura estruturalmente eficiente que pode ser extrudada posteriormente para criar espaços maiores de reunião. Deste modo, e mantendo a eficiência das abóbodas padrão, introduz-se a flexibilidade no ADN do módulo espacial.

Este é um projeto fundamentalmente colaborativo, com a equipa de design composta por protagonistas estrangeiros, em diálogo com artesãos locais, a formar uma equipa mais alargada para construir não apenas o polo escolar, como também para desenvolver a base de conhecimento de cada tipo de construção, que tem como materiais centrais a argila, a madeira e o mosaico. Ao construir oficinas para estes membros da equipa, foi possível transferir parte desse conhecimento para outros projetos após a conclusão deste polo escolar.

Este projeto, caracterizado por uma abordagem sintética, é exemplar enquanto visão pedagógica na qual o design e a construção da escola fazem parte do processo de aprendizagem para os alunos e a comunidade.





Espaços Comunitários nos Centros de Refugiados Rohingya

Cox's Bazar, Bangladesh

A necessidade primordial de todas as comunidades humanas de terem um espaço coletivo, e particularmente aquelas que sobreviveram a uma situação traumática, pressupõe a preocupação com a criação de um espaço para um encontro físico que seja ao mesmo tempo protegido e aberto ao intercâmbio e ao diálogo, para ser desfrutado e preservar a vida em comunidade.

Os seis espaços comunitários temporários do Programa de Resposta aos Refugiados Rohingya dão uma resposta digna, sensível e engenhosa às necessidades de emergência relacionadas com a chegada massiva de refugiados rohingya às comunidades anfitriãs do Bangladesh, com especial atenção à segurança de mulheres e raparigas.

O conceito e o design dos seis espaços são o resultado de um planeamento adequado, parcerias sólidas e processos inclusivos que envolvem as comunidades distintas de refugiados e habitantes locais, como a definição das necessidades de espaço e funcionalidade. A implementação do projeto conseguiu adaptar-se a vários constrangimentos (físicos, sociais, regulatórios, orçamentais, climáticos e ambientais) e às duras condições de trabalho, aproveitando as competências de trabalhadores e artistas – mulheres e homens das comunidades de refugiados e de moradores locais – para a construção e decoração, tendo por base uma variedade de técnicas de construção rohingya e do Bangladesh, recursos espaciais e arquitetónicos, modos de vida e referências estéticas.

O uso engenhoso ao nível da arquitetura de materiais disponíveis localmente, desmontáveis e reutilizáveis, respeitando sempre os requisitos restritivos de construção, revela bem a adaptabilidade criativa dos designers e gestores do projeto, pese embora o período de tempo muito limitado que tinham à disposição.

Num mundo com cada vez mais crises de refugiados, a abordagem, o conceito e o design deste projeto apresentam um modelo bem-sucedido e transferível que poderá inspirar uma mudança de mentalidades em matéria das respostas às necessidades dos refugiados e das comunidades anfitriãs no Bangladesh e noutros lugares. Isto já se verifica no campo de refugiados de Teknaf, onde várias



organizações optaram por escolhas de design e abordagens inspiradas nestes seis centros comunitários.

A crise de refugiados em Teknaf resultou na desflorestação da área e na subsequente escassez de bambu, o principal material de construção no campo, pondo assim em questão o seu uso em futuras construções.

Museu de Arte Contemporânea e Centro Cultural Argo

Teerão, Irão

No densamente povoado centro histórico de Teerão, este projeto atípico de reutilização e conservação transformou a Fábrica Argo – uma antiga cervejaria cujas atividades foram deslocalizadas para fora da cidade dez anos antes da Revolução Iraniana devido à poluição – num museu privado de arte contemporânea.

A partir das ruínas do edifício original, o edifício atual foi renovado e foram construídas novas superfícies com uma abordagem e um design subtis. Foram desenvolvidos, em quatro níveis, uma variedade de espaços para exposições, palestras e filmes, com uma nova residência de artistas a ser construída ao lado do museu.

Um pátio central convida os visitantes a entrar e interage diretamente com a rua, possibilitando que grandes eventos se estendam para o exterior. As escadas largas fazem a ligação ao nível superior através de um espaço com pé-direito duplo que revela o interior de um telhado novo. O formato diferenciado do telhado em betão cria uma nova identidade, assim como sublimes volumes no interior.

Dado que este era um edifício industrial, não são visíveis quaisquer elementos decorativos ou ornamentais tradicionais, tanto na estrutura original como nas novas construções.



O respeito pela história do edifício é demonstrado pela manutenção da traça original, não num sentido de uma memória passiva, mas como um reconhecimento ativo da vontade de acumular valor e manter a leitura do tempo.

Este edifício tem uma história caótica. Após a ameaça de demolição, o seu renascimento enquanto um novo lugar é um gesto positivo e restaurador que deu ao local uma segunda vida, com uma história que influencia a vida de todo o bairro.

A relação entre os espaços de exposição e de reunião é equilibrada. Embora a área de entrada seja muito maior, os espaços de exposição oferecem uma vasta gama de possibilidades. Aqui podem ser exibidas grandes esculturas, pinturas e instalações. A circulação do visitante pelos espaços segue um circuito ininterrupto, fluindo livremente desde a entrada até às exposições.

A Argo é um lugar urbano que vai muito para além da sua função inicial de centro de arte contemporânea. É um complexo apropriado à vida coletiva, muito mais inclusivo do que um museu contemporâneo clássico e chama um novo público à arte.

Renovação da Hospedaria Niemeyer

Trípoli, Líbano

A renovação da Hospedaria Niemeyer é um exemplo inspirador da capacidade de reparação da arquitetura, numa altura de crise vertiginosa e envolvente em todo o mundo, e no Líbano em particular, dado que o país enfrenta um colapso político, socioeconómico e ambiental sem precedentes.

A obra de reabilitação da Hospedaria, localizada nos arredores de Trípoli, – uma das mais antigas e belas cidades portuárias, outrora conhecida pela sua arte, mas hoje em dia assolada por uma pobreza extrema, pela migração e pela falta de espaços públicos – faz parte da Feira Internacional Rachid Karami (RKIF), a obra-prima inacabada do arquiteto Oscar Niemeyer.



A construção da feira, encomendada para divulgar a jovem nação, foi interrompida pelo começo da guerra civil em 1975, tendo sido posteriormente abandonada e votada à ruína, ao litígio e a disputas infrutíferas, enquanto continuava a despertar a imaginação de artistas e arquitetos no Líbano e em todo o mundo. A renovação da Hospedaria Niemeyer é um primeiro desenvolvimento promissor de uma revitalização significativa das estruturas da feira, servindo de modelo para o restauro exemplar do património modernista, ao mesmo tempo que convida a uma nova vida pública para o futuro deste local único.

O projeto foi realizado com grande precisão, com a sua elevada qualidade a manifestar a investigação exaustiva levada a cabo pelos arquitetos. Foi cuidadosamente posto em prática um conhecimento sensível da linguagem arquitetónica específica da feira com vista a revitalizar este importante património arquitetónico e urbano. A preocupação particular dos arquitetos para com a autocontenção, assim como pelo sucesso na elaboração de detalhes personalizados que podem ser removidos, é admirável, e procura garantir uma reversibilidade na utilização da estrutura no futuro.

Neste espaço cuidadosamente concebido, a reverência pela “mão” é perpetuada através do plano proposto: uma oficina de carpintaria ativa que sustenta os carpinteiros de pequena escala e revitaliza a história do ofício na cidade. O projeto regenera as microeconomias muito necessárias e defende a inclusão, convidando a comunidade vizinha a entrar no seu coração. Revela a importância fundamental de, nos dias de hoje, considerar a reabilitação arquitetónica e a revitalização socioeconómica como um todo indivisível.

Esperamos que este prémio possa celebrar o trabalho colaborativo por trás deste projeto e possa tornar-se o primeiro passo para uma reabilitação exemplar e cuidadosa e uma reutilização adaptativa para o resto do recinto da feira.

Espaços Fluviais Urbanos

Jhenaidah, Bangladesh



Como resultado do rápido crescimento populacional em todo o mundo, a urbanização tem tido um grande impacto na qualidade e na habitabilidade dos espaços urbanos e rurais e no ambiente como um todo. A falta de planejamento urbano e a expansão das habitações informais deixaram muitas comunidades urbanas e semiurbanas sem espaços públicos para uma interação social ou vida de qualidade, e com ambientes degradados, aprofundando assim as desigualdades e a marginalização das comunidades mais carentes. Este é especialmente o caso dos espaços ribeirinhos em Bangladesh.

Através de um longo e consistente processo gerido pela comunidade, e liderado e criado pela visão e liderança de designers e assistentes sociais comprometidos, o projeto Espaços Fluviais Urbanos conseguiu reunir as autoridades e os habitantes locais para funcionar como um catalisador capaz de estimular uma mudança em contextos urbanos semelhantes na cidade e não só.

O projeto faz parte de uma iniciativa mais alargada na cidade que visa providenciar alojamento decente em áreas construídas de forma informal, tendo levado a uma mudança de paradigma na administração urbana, no Bangladesh e não só, com vista a criar um impacto duradouro na vida das pessoas e no ambiente.

Através de uma participação e apropriação consistentes por parte da comunidade, do amplo envolvimento das mulheres e de grupos marginalizados e de uma mão-de-obra local, a tarefa aparentemente simples de limpar o acesso ao rio Nabaganga em Jhenaidah deu origem a um projeto de paisagismo criterioso e minimalista feito com materiais e técnicas de construção locais, transformando assim uma lixeira informal degradada num espaço multifuncional atraente e acessível que é valorizado pelas diversas comunidades de Jhenaidah. Como tal, o projeto conseguiu reverter a degradação ecológica e os riscos para a saúde do rio e das suas margens, e estimular uma melhoria ecológica efetiva do rio, num dos países com mais área ribeirinha no planeta.

O projeto Espaços Fluviais Urbanos em Jhenaidah possui uma natureza transformadora que reúne os vários segmentos administrativos e comunitários locais com o intuito de concretizar a iniciativa coletiva de recuperar o bem comum e retomar a ligação com o rio, inclusive para fins ritualísticos, funcionais e recreativos, com cada participante e utente a ter um forte sentimento de propriedade.